

Sempre-viva nas flores e na luta

Maria de Fátima Alves (Tatinha)¹

Ana Paula Lessa Belone^{2,3}

*Mãe,
Suas asas estavam prontas,
Mas meu coração não...
(Autor desconhecido)*

Fui desafiada a escrever sobre a minha fala ocorrida na 33^a RBA e fiquei um bom tempo refletindo até conseguir começar. O início é sempre mais difícil, estava sem saber como começar. O que falar sobre as políticas ambientais e os direitos territoriais? O que isso tem a ver com os apanhadores de flores sempre-vivas? O que isso tem a ver comigo?

Falar de apanhadores de flores sempre-vivas é falar das flores, mas sobretudo, de quem deu sentido a tudo. Isso me leva há muito tempo atrás, muito bem gravado em minha memória, onde uma guerreira a quem chamo de mãe, lutava com todas as forças e armas disponíveis para criar os filhos. Mesmo antes de ter o entendimento da importância da luta organizada por meio da Codecex,⁴ eu já entendia a importância do trabalho coletivo, da resistência, da valorização da panha das flores, da solta do gado e dos quintais produtivos.

1. Maria de Fátima Alves (Tatinha), autora. É apanhadora de flores sempre-vivas, representante da Codecex, formada na área da educação e mãe.

2. Ana Paula Lessa Belone, colaboradora. É doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia na UFF, mestre em Sociologia e graduada em Ciências Sociais pela UFMG.

3. A primeira parte do texto é da autoria de Tatinha e a segunda parte é uma confluência de ideias realizada pela colaboradora a partir da reflexão trazida por Tatinha.

4. A Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas (Codecex), é a instância representativa dos apanhadores de flores sempre-vivas.

Com seu jeito simples de ser, com sua força e coragem sem tamanho, mãe já nos ensinava a valorizar o trabalho em família, a honestidade e o amor aos campos, às matas e às águas. Foi ela quem tornou um rancho no alto da serra, o melhor lugar do mundo; a liberdade de panhar flores, a coisa mais importante da vida; e a valorização da família, a melhor das relações. Foi mãe quem tornou possível ser o que sou hoje. Então, qualquer entendimento que tenho é a partir dos seus ensinamentos. Se existem heroínas no mundo, mãe, com certeza, é uma delas... Portanto, é pela ancestralidade que me guio nas flores e na luta.

A forma de subsistência das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas está vinculada à panha⁵ de flores, à solta do gado, aos quintais, aos campos, ao cerrado, às orações, às crenças e, acima de tudo, na fé. Fé em Deus, nas benzeções, nas flores, nas águas, nos bichos e no cerrado. Sempre houve uma troca justa entre os apanhadores de flores e a natureza, uma cumplicidade e um cuidado mútuo. Aprendi, desde cedo, a respeitar e a tirar dos campos o meu sustento; um aprendizado regado a lições de cuidado e amor. Assim, as flores sempre serão mais do que somente flores: é sobrevivência, cuidado e aprendizado.

Estamos na porção Meridional da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais. É da Serra que tiramos as flores, as águas e os alimentos, em um modo de vida tradicional que pode ser pensado a partir da noção de sistema, no qual tudo se relaciona. Para explicar o Sistema Agrícola Tradicional das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas vou destacar as suas três principais atividades, sendo a primeira delas a panha de flores.

A panha da flor é considerada o carro chefe da economia familiar, pois é de onde tiramos o dinheiro, sendo uma atividade feita no coletivo, seja com um núcleo familiar grande, seja com toda uma comunidade. É a atividade que leva o nome da nossa tradicionalidade por ter uma importância econômica e cultural. Panhar flor é ir a campo bem cedo, todos juntos – pai, mãe e filhos – passar o dia panhando flor e voltar à tarde para casa, nesse caso, nos ranchos ou lapas em cima da serra. Essas idas e vindas aos campos são feitas sempre com base em muitos diálogos e ensinamentos. Essa atividade é realizada em áreas de uso comum, onde são respeitados os direitos de todos a panhar flores e o dever do cuidado com a Serra.

Esse é um ponto que merece destaque: o cuidado com a natureza. Tudo o que sabemos hoje vem dos aprendizados dos nossos antepassados, que foram aprendendo a ler, a entender e a respeitar a natureza. Essa relação se deve à lógica da necessidade e ao entendimento da importância de se preservar, pois quando

5. Panha é como chamamos a atividade da coleta das flores sempre-vivas.

Figura 1: A panha das flores sempre-vivas



Fonte: João Roberto Ripper (2019).

Figura 2: Caminho das flores



Fonte: João Roberto Ripper (2015).

falamos da Serra estamos falando do nosso sustento e do nosso território. E território vai além de um pedaço de terra. É o espaço geográfico, é a subsistência, é a cultura, é a história, é um pedaço da gente fora do corpo. Cada pedacinho da Serra tem um significado muito importante para a gente, por isso não sai da nossa memória.

Quando falamos da panha da flor, estamos falando de mais de 200 espécies vegetais, manejadas com o objetivo de ornamentação, sendo apanhadas durante todo o ano, com maior intensidade nos seis primeiros meses. O manejo das flores é importante para garantir sua própria existência, sendo este um saber passado através das gerações. Algumas comunidades têm a necessidade de subir a serra durante a panha das flores, permanecendo em lapas ou ranchos durante todo o período. Esse movimento, que os pesquisadores se referem como “transumância”, nós chamamos de arranchar.

A outra atividade que merece destaque é a lida com gado, que é solto nas áreas de uso comum, em cima da serra. A solta do gado é sempre feita na época da seca, tempo em que as pastagens aos pés da serra estão escassas ao passo que, em cima da serra, as pastagens nativas estão disponíveis. Assim, quando se iniciam as chuvas descemos com o gado gordo. Tenho na memória vovó falando em como era lindo ver o gado descendo a serra, gordo e berrando, como se comemorasse a vinda das chuvas! Além disso, essa atividade também está ligada à economia, servindo como uma espécie de poupança das famílias, pois além de alimento, o gado pode ser vendido em momentos de maior necessidade, complementando a renda.

Além dessas duas atividades temos, ainda, os quintais e roçados, com destaque para a roça de toco, que garante a segurança e a soberania alimentar das famílias. Essa atividade, não menos importante do que as outras, é também um complemento na renda, posto que as famílias plantam em grande quantidade tanto em cima como no pé da Serra, podendo comercializar o que sobra para além do uso familiar. Quando se deixa de comprar alimentos fora, é porque se está produzindo muito e, conseqüentemente, gerando renda.

Porém, a coisa mais importante é poder garantir uma alimentação de qualidade para a família, sem veneno. Além do valor nutricional dos alimentos, o sabor é sem igual, o que se percebe na rica cultura alimentar das comunidades. A produção farta garante a alimentação tanto das famílias como do entorno, sendo que são as comunidades tradicionais que garantem alimentos de qualidade para as regiões. Além dos alimentos cultiváveis, o cerrado ainda nos garante uma grande variedade de alimentos nativos e também medicinais, que fazem parte das nossas crenças e saberes. A serra nos fornece tudo o que precisamos, e, em troca, cuidamos dela. Assim, aprendemos a cuidar não só do que é nosso, mas de todos.

Além dessas três atividades principais, que não ocorrem de maneiras separadas uma da outra, como aparenta ser, a tradicionalidade das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas ainda engloba o cuidado com a água, já que estamos em cima de uma caixa d'água em Minas Gerais, que é a Serra do Espinhaço. Cuidamos da serra e ela nos fornece água, alimento, saúde e uma bela paisagem. Se chega água nas torneiras de outros lugares, é porque tem um povo cuidando da Serra, preservando e plantando água. Além do mais, a nossa tradicionalidade também está relacionada ao cuidado com as sementes crioulas, em nossas crenças, na religiosidade e nos festejos.

Os apanhadores de flores sempre-vivas formam um povo que viveu na invisibilidade durante muitos séculos. E foi essa invisibilidade que garantiu a permanência das comunidades na Serra do Espinhaço e a continuidade do seu modo de vida tradicional. Porém, como nem tudo são flores, esse modo de vida tem sido ameaçado por grandes empreendimentos minerários, por monocultivos e por unidades de conservação de proteção integral que chegaram de forma muito violenta, expropriando e violando os direitos de quem sempre viveu e cuidou da Serra.

E foi a partir das várias violências sofridas, que as comunidades começaram a se organizar na luta por direitos, principalmente, pelo direito territorial, por meio da Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas (Codecex), que foi criada em março de 2010. A Codecex tem avançado muito na garantia dos direitos das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas. Ainda não chegamos aonde queremos, mas alguns importantes passos já foram dados rumo à vitória que, para nós, significa a liberdade, o direito ao território e ao modo de vida tradicional.

Ao longo desses anos de caminhada construímos várias ferramentas de luta, com a contribuição de muitos parceiros que foram fundamentais para as comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas. Como ferramentas, podemos citar as certificações das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas pela Comissão Estadual para o Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais do Estado de Minas Gerais (CEPCTs); certificações das comunidades quilombolas pela Fundação Cultural Palmares; os protocolos de consulta livre, prévia e informada; os protocolos bioculturais; as leis municipais de reconhecimento e valorização do modo tradicional, entre outras.

Essas ferramentas se tornaram necessárias devido à omissão do Estado e à falta de políticas públicas que não chegam às comunidades ou, quando chegam, é de forma a tirar mais do que garantir direitos. O grande problema é a forma com que essas políticas são construídas e quem são os seus maiores beneficiários.

Um exemplo disso são as unidades de conservação de proteção integral, que expropriaram os territórios tradicionais das comunidades apanhadoras de flores e não conseguem proteger as flores, os campos e as águas. Não levam em consideração o manejo tradicional, ignorando totalmente o papel dos verdadeiros guardiões da biodiversidade. Foram criadas de cima para baixo, sem consulta às comunidades, desconsiderando seu modo de vida tradicional e criminalizando a prática secular da panha das flores sempre-vivas.

O processo de criação das unidades de conservação de proteção integral foi feito mediante violação de direitos ao não legitimar a presença das comunidades na Serra, além de não fazer a consulta prévia, livre e informada, que é um importante direito dos povos e comunidades tradicionais. E mais violenta ainda foi a implementação dos parques, com criminalizações, prisões, ameaças e perseguições às comunidades. Foram muitas as violências cometidas ao longo dos anos.

Além de complexo, esse modo de vida tradicional também é importante para o futuro do planeta. Por essa razão, em 2020 foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) como um Sistema Importante do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM), um título até então inédito no Brasil, no qual o modo de ser, fazer e viver das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas tornou-se de relevância para o mundo.

O reconhecimento pela FAO/ONU prevê que o modo de vida tradicional deve ser mantido vivo e dinâmico, garantindo o acesso das comunidades a políticas públicas de qualidade para a continuidade do seu sistema agrícola tradicional. O processo foi constituído por duas peças técnicas, sendo uma, o Dossiê elaborado por um grupo de pesquisadores em constante diálogo com a Codecex e com as comunidades. A outra peça é o chamado Plano de Conservação Dinâmica, um documento que indica as ações a serem desenvolvidas para a sobrevivência do sistema agrícola tradicional. O Plano de Conservação Dinâmica foi construído coletivamente com o protagonismo da Codecex, em diálogo com os poderes públicos e com outros parceiros, os quais assumiram compromissos com o objetivo de fazer com que o sistema agrícola tradicional permaneça vivo.

Se pensarmos que saímos da invisibilidade, que até então nos garantia a existência, e, hoje, temos um reconhecimento mundial, – que se estende para os municípios de Diamantina, Buenópolis e Presidente Kubitscheck, para o estado de Minas Gerais e para o Brasil – um reconhecimento de que esse modo de vida é importante e deve ser preservado, refletimos que esta é também uma conquista muito grande para todos os povos tradicionais do Brasil.

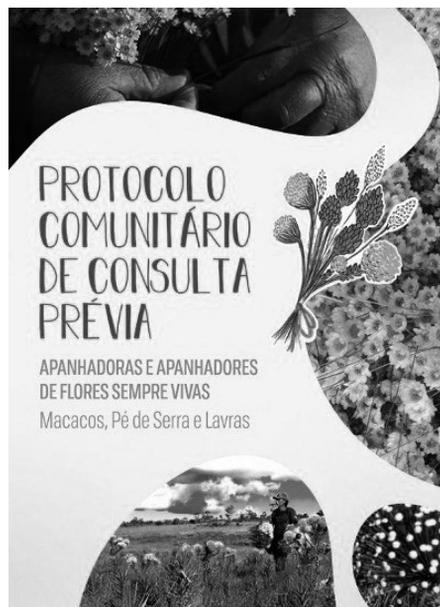
Esse reconhecimento mostra a relevância da maneira como vivemos, ao mesmo tempo em que somos criminalizados por essa maneira de viver. O mesmo estado que reconhece e valoriza nosso modo de vida tradicional é o que o marginaliza, já que até hoje somos perseguidos pela prática tradicional da panha de flores. A violência ainda acontece, só muda um pouco a forma como os direitos são violados. Ou seja, se antes a prática era a de colocar arma na cabeça, multar os apanhadores ou levá-los presos, hoje a estratégia é a da perseguição, da ameaça e do descarte das flores panhadas.

Há uma grande dose de crueldade nessa nova forma de violação de direitos, pois passa uma falsa impressão de conciliação para quem vê a situação de fora. Porém, o que menos temos é paz. O medo é constante. E essas violências são cometidas pelos órgãos ambientais, pelos gestores das unidades de conservação e pelo Estado brasileiro. Se essas unidades de conservação chegaram até lá é porque acharam a Serra preservada. E só estava assim preservada porque as comunidades estão cuidando dela há gerações. Não se cria unidades de conservação em áreas que mineradoras passaram! Um dia eu fiquei sabendo que os parques foram criados para fazer compensação ambiental. Como isso pode ser justo? Pagarmos a conta dos estragos que a mineração faz? A sensação que tenho é que estamos sendo punidos por cuidar da Serra.

Os povos tradicionais do Brasil resistem há séculos e com os apanhadores de flores sempre-vivas não é diferente. Estamos há mais de 300 anos manejando e cuidando da Serra, e tudo o que aprendemos foi ensinado por nossos antepassados. Ao longo dessa caminhada, e mais precisamente, a partir da organização na Codecex, fomos criando nossas próprias formas de aprendizado através da luta e da resistência. Saímos da invisibilidade e hoje somos reconhecidos mundialmente, o que já é um grande avanço. Penso, então, que a visibilidade é também uma ferramenta de luta. Contudo, apesar de ser importante, a visibilidade também pode ser um problema, sobretudo, em vista dos empreendimentos que avançam sobre os territórios.

É necessário proteger as comunidades que têm o direito de serem consultadas por quaisquer ações que possam afetar sua vida e seu futuro. Apesar do Brasil ter ratificado a Convenção 169 da OIT em 2002, ainda não há na legislação brasileira uma normatização de como essa consulta deve ser feita. Por essa razão, as comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas criaram seus próprios protocolos de consulta prévia, livre e informada. Essa ferramenta é muito importante, pois determina, em primeiro lugar, a maneira como devem ser consultadas, já que precisam estar cientes e bem informadas a respeito de qual empreendimento está chegando e de como afetará seu território, sendo uma consulta prévia.

Figura 3: Ferramenta de luta



Fonte: Arquivo CODECEX (2017).

Em segundo lugar, as empresas não podem coagir as comunidades a aceitarem a atividade e nem manipular as informações a seu favor sendo, também, uma consulta livre e informada.

Foi pensando no que já havíamos sofrido anteriormente com as violações de direitos que construímos os protocolos. Elaboramos dois protocolos de consulta, sendo que um envolve apenas as comunidades que se autorreconhecem como apanhadoras de flores sempre-vivas e o outro, as comunidades que se autorreconhecem como apanhadoras de flores sempre-vivas e quilombolas, já que também há esta dupla autodeterminação no contexto de algumas comunidades.

O processo de elaboração dos protocolos foi uma vivência de grande importância para os seus usos posteriores, uma vez que foi uma construção participativa, ocorrida nos territórios e com as comunidades dizendo como, com quem e quando querem ser consultadas. Isso garantiu o empoderamento das comunidades, que começaram a acionar os protocolos desde o início de sua concepção. Por ser uma ferramenta que tem força de lei, esses protocolos devem ser usados diariamente, seja no caso da presença de pesquisadores, de repórteres, de gestores de unidades de conservação, seja no caso de projetos minerários. Qualquer

projeto ou empreendimento que afete o modo de vida tradicional deve passar pela consulta da comunidade. E já foram vários os momentos em que foi preciso recorrer aos protocolos, já que as comunidades se viram diante da violação de seus direitos. Tem uma passagem em um dos protocolos que resume bem o que somos, de onde viemos e o que queremos:

“A serra é uma parte da gente, toda nossa vida vem dela.
Plantamos, colhemos, panhamos flor.
Criamos nossos filhos e somos avós.
Podemos ir longe, mas esse lugar fica dentro da gente.
Ela é nossa sobrevivência, é tudo para nós.
A serra é memória, é sustento, é nossa vida, é nossa história, é sentimento,
ela nos dá ervas medicinais, remédios, prazer de viver, alimento, gado gordo e nossas águas.
Nela também celebramos, temos um forró na Lapa e o lazer no rancho.
Com nossos vizinhos também celebramos e nos alegramos.
Fazemos casamentos, Serra, Sertão, a fogueira de São João, a folia de reis,
a festa do Sagrado Coração e Nossa Senhora da Conceição, que juntas feitas são.
Também temos festas de Nossa Senhora Aparecida e de São Sebastião além das cavalgadas que são nossa tradição.
Temos ainda as danças, o lundu, saia dourada e recortada, além do tradicional forró pé-de-serra orgulho da nossa serra.
Também fazemos trocas como antigamente, de alimentos, farinha, rapadura, legumes e café entre a gente.
Temos ainda nossa culinária local na qual usamos frutos nativos para fazermos alimentos doces e salgados
Queremos a serra sempre! Sempre viva!”

Confluindo ideias nas Flores e na Luta sempre-vivas

Quando Tatinha inicia a escrita, retomando a memória da figura materna, logo me recordo da fala de uma apanhadora de flores sempre-vivas que assim disse certa vez: “a Serra é tudo para nós, a Serra é nossa mãe”. Essas reflexões mostram que

as relações do cuidado entre si, com o meio ambiente e com os territórios se emaranham nas formas de vida das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas.

Estruturado nas atividades da panha de flores, da lida com o gado e da produção de roças e de quintais nas diferentes altitudes e ambientes da Serra do Espinhaço Meridional, esse modo de vida tradicional tem como conteúdo uma série de saberes, lógicas, visões de mundo, costumes, crenças, técnicas, expressões e conhecimentos – como o trecho citado do protocolo aponta – que dão forma ao chamado sistema agrícola tradicional das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas. Essa é uma categoria que está sendo mobilizada nesse contexto, para se referir a sistemas produtivos, nos quais há uma correlação intrínseca entre elementos culturais, agrícolas, ecológicos, históricos, socioeconômicos e paisagísticos.

Assim como ensinam os apanhadores de flores sempre-vivas, não há como separar aquilo que se crê, que se celebra e que se transmite como saber, daquilo que se planta, se colhe, se panha ou se preserva. Há, portanto, uma interdependência mútua entre diversidade biológica e diversidade cultural, pois é nas relações das comunidades com a natureza e o território que seus modos de ser, fazer e viver são produzidos e reproduzidos.

O paradoxo da invisibilidade trazido por Tatinha se coloca a partir do momento em que pressões externas sobre os territórios passam a ameaçar essas formas de vida, tal como ocorreu com a sobreposição das unidades de conservação, e vem ocorrendo com outros projetos de desenvolvimento como a mineração e a monocultura de eucaliptos. A partir de uma série de violações de direitos, emergir à arena por meio da Codecex tornou-se uma importante estratégia de luta dessas comunidades.

Novas gramáticas da resistência foram sendo apreendidas e, juntamente aos conhecimentos ancestrais, levaram a significativos passos em direção à garantia de terra, vida e liberdade, que é o lema da Codecex. E mesmo com as violências sistêmicas pelas quais ainda estão submetidas, a Serra sempre-viva continua sendo a perspectiva do passado, do presente e do futuro dessas comunidades, assim como a mãe de Tatinha ensinou.

Figura 4: Mãe e filha



Fonte: Mariella Paulino (2022).